

A Teologia da Encarnação e a Cultura

Uma aproximação bíblico-teológica:

A Teologia da Encarnação é o centro do pensamento anglicano, é o padrão hermenêutico para todos os demais desenvolvimentos, e em maior ou menor grau, se manifesta na ética anglicana, na eclesiologia, na missão e na adoração. Entendo que os textos bíblicos nevrálgicos que dão suporte para essa compreensão são o capítulo primeiro do Evangelho de S. João e o capítulo segundo da epístola de S. Paulo aos Filipenses. No primeiro texto, o autor afirma o “verbo” (logos) ter sido feito carne (sarks) e habitado entre nós (eskénosen) (v. 14). S. João recupera neste capítulo alguns temas antigo-testamentários, como p.e. a noção ontológica da existência fazendo um paralelo com o *bereshit* do Livro de Gênesis, ele introduz o conceito filosófico grego *arché*. Mas este não é o único paralelismo que gostaria de mencionar, e na perspectiva da Teologia da Encarnação, o que quero dar destaque neste texto é a inclusão da palavra “habitou...” (*eskénosen*), que faz um paralelo direto com os textos antigo-testamentários referentes à presença de Javé com o seu povo de forma quase poética, ele *habitou* numa tenda peregrinante. Javé estava lá, dentro dela, junto com o povo, e onde fosse, a tenda também iria e Javé junto com ela. Essa é a lembrança mais remota daquilo que seria o proto-templo de Salomão, a casa do *El Shadai*, do Deus que está (habita) no Templo. A compreensão de um deus que habita com seu povo é completamente estranha as demais culturas do mundo antigo. Os deuses são etéreos, e a humanidade olha para o céu eternamente como o arqueiro sagitário que busca o sentido das coisas. O Povo de Deus não olha para o alto, mas para a tenda, onde *El Shadai* habita, o Deus-conosco *Emmanuel*. A segunda aproximação bíblica que faço encontra-se no hino cristológico da epístola de S. Paulo aos Filipenses, particularmente com o versículo sete do capítulo segundo, que nos diz que ele “*esvaziou-se*” tomando forma de servo, tornando-se semelhante aos homens. A palavra “*ekénosen*” aparece novamente como no Evangelho de S. João, mas com sentido diferente, antes no sentido de “encarnar”, agora no sentido de “esvaziar”. Ambas são desenvolvimento da palavra grega *kenosis* que no contexto filosófico do mundo antigo era o paradoxo de *hedoné*, de onde deriva a palavra *hedonismo* a qual definimos como uma doutrina existencial de busca do prazer dos sentidos. A *kenosis* é a privação do sentido ontológico do ser, como Buber diria, o Eu primordial deixou de ser o que é para si mesmo e o que representa para o outro, para ser o Eu transubstancial, ou seja, um outro Eu agora pleno de outra natureza, a natureza humana, a natureza do Tu (do outro). Novamente temos a idéia de um Deus-conosco, que habita, mora, anda com seu povo, agora não mais numa *tenda* mas em qualquer lugar, não mais como uma presença imaginária na *tenda*, mas uma presença real (concreta) que se fez *carne*. Essa é uma novidade teológica cristã, um Deus que está com o seu povo, que não é etéreo. Essa perversão da economia das representações simbólicas ainda hoje desafia a Teologia em seu pretense discurso sobre Deus, e muito particularmente, de um Deus que *habita, encarna e esvazia-se* para morar com seu povo.

Uma aproximação missiológica:

A missiologia é um ramo muito recente da Teologia, surge basicamente com as preocupações modernas, entre elas com o ecumenismo e com o diálogo que a Teologia faz com a antropologia. Muito além de uma visão caricata que muitos intelectuais têm, como se a missiologia estivesse apenas debruçada sobre técnicas de “evangelismo”, ou como uma ciência pura do proselitismo, a missiologia debruça-se mesmo sobre os problemas gerados no encontro do cristianismo com culturas autóctones em que os dois apresentam-se como absolutamente “estranhos”.

O colonialismo dos séculos XVII e XVIII gerou uma estratosférica quantidade de problemas a serem enfrentados pela Igreja, e mesmo para a mensagem do Evangelho. A visão etnocêntrica dos colonialistas, também chamada por F. Laplantine de “eurocentrismo”, segregou o cristianismo das culturas colonizadas, ou mesmo usou do cristianismo para “domesticar” ou “docilizar” os corpos, as mentes e doutrinar os colonizados a crerem também neste etnocentrismo, o qual chamamos aqui de “etnocentrismo invertido”, quando o próprio colonizado acredita que o “outro” seja superior. No século XIX, surgiu em uma ex-colônia, outro grande problema missiológico, nos Estados Unidos da América, a doutrina do *destino manifesto* gerou uma grande frente de missionários, que muito além da mensagem do Evangelho, desejavam eles levar também um projeto civilizatório, como marca de um *novo povo escolhido*, um *novo Israel*. E esse povo, o Novo Israel, estava sendo chamado para ser o centro irradiador, para “evangelizar” (civilizar) a todos os demais povos subjugados pelas trevas do obscurantismo romano. Muitas igrejas nas Américas, na África, Ásia e Oceania surgem derivadas do grande fluxo de missionários que empoderados por Deus, iriam dissipar as sombras daquelas terras e levar a verdadeira Luz de Deus.

Particularmente esses dois problemas da missão cristã, o colonialismo inglês e a cruzada mundial norte-americana, fizeram surgir verdadeiras anomalias do Evangelho, ou seja, o cristianismo por elas implantado é verdadeiramente um *corpo-estranho* onde se encontram. Por um lado, transformaram-se em sociedades elitistas que representam os interesses burgueses de uma minoria, ufanando-se de seus costumes aristocráticos e de uma ética e padrão moral esnobista. Por outro lado, fez os próprios autóctones acreditarem que suas práticas religiosas eram “puras” e “ortodoxas”, longe de superstições e da magia típica do romanismo. Esse discurso, não é monopólio de apenas uma denominação religiosa em particular senão de toda uma geração que na inércia do que representou a doutrina do destino manifesto e o colonialismo, reproduziram de forma mais “intelectual” o discurso etnocêntrico e civilizatório. Ainda hoje, encontramos alguns paroquianos antigos que nostalgicamente miram para o passado levantando o pesado e tão gasto estandarte do poder discursivo que representou a cultura anglo-saxã.

O anglicanismo no Brasil é fruto desse ventre missionário, pois por um lado haviam as capelanias inglesas que não tinham qualquer preocupação com o povo daqui senão o de perpetuar socialmente um costume para os britânicos aqui residentes. Já os missionários americanos trouxeram a difícil tarefa de aproximar essa cultura tão profana ao *Novo Israel*. Curiosamente essas duas frentes se fundem formando uma única

província, e convivemos paradoxalmente com esse problema diante da realidade brasileira.

Uma aproximação cultural:

Vítima do complexo problema apontado anteriormente, a cultura brasileira foi e ainda é demonizada, tida como algo completamente profano e moralmente marcada pelo abandono das virtudes européias ou do progresso norte-americano. Não negamos aqui o fato de que existem elementos culturais que no confronto com o Evangelho, precisam ser repensados, ou reconstruídos a luz da novidade que representa Cristo, mas é muito mais preocupante o fato de que no “purismo” ideológico não comunguemos absolutamente com nada desta cultura, ou talvez com muito pouco do que ela poderia comungar. A visão presunçosa de um povo a imagem de um “macunaíma” ou mesmo de um “Zé carioca”, ou talvez dos antropofágicos Tupinambás, bloqueia o entendimento e gera uma imensa cortina de preconceitos ao jeito brasileiro de ser.

A cultura brasileira, fruto da grande mestiçagem como já afirmara G. Freyre, compôs ao longo de sua invenção, um grande e imenso útero cultural, que preserva a virtude da eterna juventude e inesgotável criatividade de se reinventar, de se re-interpretar e de se re-construir. A cultura brasileira emancipada de seus colonizadores, re-inventa inclusive sua própria língua, e nunca se prendendo aos arcaísmos que encastelam a cultura em bibliotecas, museus e prédios, herança de gerações que não respiram mais. A cultura brasileira é dinâmica e se constrói muito mais longe de onde os círculos intelectuais presumem ela estar sendo construída.

A cultura de um povo é reveladora em muitos momentos, da Palavra de Deus, quando em meio a tantos problemas sociais enfrentados, particularmente pelos “pequenos”, ela articula seu discurso como palavra profética mesmo utilizando-se do imaginário secular, ou utilizando representações simbólicas “demonizadas” ou banalizadas. Na década de 70 nos EUA, surge o movimento Black Power, que produziu entre tantas coisas, uma nova concepção musical que ainda hoje é muito ouvida nas rádios e televisão. Há uma canção que representava o desejo e a aspiração de liberdade e de equidade dos direitos civis dos negros naquela sociedade, trata-se da canção “Black Moses” do grupo Shaft. A idéia de um Moisés (libertador) Negro, inspirada no contexto cultural do movimento Black Power retrata muito bem o que queremos expressar enquanto sussurros divinos inspirando a humanidade não pela via-sacerdotal mas por aquela via que quase sempre é apócrifa, a revelação de Deus na História e na Cultura. No Brasil um emblema da luta pela liberdade é a canção de Chico Buarque “Cálice”, que assim como muitas outras, revelam o sussurro divino naquilo que a Igreja abandonou, a profecia.

Mas a cultura não é apenas música, é muito mais, é a forma como um povo produz socialmente sua vida, reproduz e perpetua suas construções da realidade. São os óculos pelos quais enxergamos o universo ao nosso redor, ordenamos e estabelecemos os padrões, modelos e paradigmas para nos relacionarmos com as coisas e as pessoas. É por meio dela que nos inspiramos e alegoricamente representamos a Deus, pois sabemos que nossa compreensão é extremamente limitada, e por isso a cultura nos empresta das suas ferramentas para podermos compreender a própria ação de Deus entre nós.

Certa vez Rubem Alves afirmou que se acabasse o protestantismo na América Latina, subitamente, não abalaria em praticamente nada as sociedades em que elas se constituíam. Isso se dá, por ser o protestantismo, e aqui eu incluo o anglicanismo, embora não sejamos um ramo protestante, um *corpo estranho* não digerido pela cultura dos povos latinos, por sua pretensão em ostentar a cultura do hemisfério norte, e sua insistência em protestantizar a civilização em direção ao progresso.

A missiologia tem trabalhado com alguns conceitos que são importantes salientarmos aqui, o primeiro deles é a “aculturação”, que de forma sintética representa uma acomodação de sistemas e padrões de uma dada cultura em outra, o que é basicamente o que temos hoje na realidade eclesial anglicana no Brasil, uma adaptação hinológica, moral e eclesial que pretensamente chamamos de “jeito de ser anglicano”. Há outro conceito chamado de “inculturação”, que representa um outro desenvolvimento do relacionamento entre diferentes. Uma necessariamente independe da outra, trata-se muito mais da motivação e iniciativa do que uma progressão. A inculturação pressupõe uma completa releitura do Evangelho a partir da cultura em que está se inserindo, ou seja, não existem muitas pontes de tráfego livre em que transitem livremente o conteúdo de uma para outra, senão um exercício de esvaziamento de uma para compreender a outra, com ela aprender, escutando e observando-a e partilhando a essência daquilo que traz. Aqui retomamos o conceito inicial de Encarnação e Esvaziamento. Como dissemos, o cerne da Teologia anglicana é a Encarnação, mas não há encarnação se não houver o “esvaziamento”, ou seja, Jesus não poderia revelar-se se antes não “esvazia-se” de sua natureza divina. Aqui há um ponto crítico para a Missão Anglicana, pois não basta apenas desejar “encarnar-se” na cultura, ou ter um discurso “encarnado” na sociedade, na história de uma nação, se antes não passarmos pela experiência eclesiológica do esvaziamento, ou seja, para a missão encarnada, não há espaço para acomodações dos britanismos ou americanismos, senão uma sincera e humilde disposição em querer ser uma igreja autóctone, necessariamente brasileira, e aqui reside o problema do modo como vemos e compreendemos a cultura brasileira. Agora talvez seja o momento de exorcizarmos não os demônios os quais julgávamos agirem sobre a cultura de nosso povo, mas o de exorcizarmos os demônios que nós criamos em nossos sistemas que afastaram sucessivas gerações dos portais góticos de nossos templos.

Uma das maiores expressões da cultura popular brasileira é o Carnaval, satanizado pelas igrejas. Mas é esta festa, um dos principais eixos culturais para se compreender a cultura brasileira. O carnaval desenvolve-se por meio dos arquétipos do panteão dos orixás africanos, e por isso, cada papel que é figurado, tem um significado muito específico no imaginário e exerce uma função e papel social condizente com o que o orixá representa na vida social das pessoas. É o carnaval a expressão mais significativa do samba, produto da criatividade musical de um povo mestiçado, mas que tem um nascedouro comum, as pobres vielas das periferias dos grandes centros urbanos. É o carnaval um contador das grandes histórias, dos enredos inesquecíveis, dos momentos ímpares da história de um povo. É o carnaval expressão da fertilidade da terra, nádegas e ventres nus, seios e pernas de fora, a mulher encena psicanaliticamente, a imensa fertilidade desse chão, de uma terra que tem um grande útero que não se cansa

de gerar novos elementos culturais para superação e enfrentamento das injustiças sociais. Como precisamos aprender com nossa cultura, a sermos uma igreja brasileira. A liturgia deve expressar a adoração do povo, da alegria profunda, mesmo que para isso seja necessário fantasiar cada crente, para que não seja mero espectador, mas protagonista do louvor. A liturgia da Igreja deve expressar nosso jeito, o jeito brasileiro de louvar a Deus, mesmo que para isso sejam necessários tambores e atabaques, cuícas e pandeiros. A Liturgia deve contar os grandes feitos, os enredos inesquecíveis da história de libertação do Povo de Deus, mesmo que para isso não usemos exemplos bíblicos, mas aqueles que visivelmente Deus agiu em favor daqueles que estavam oprimidos. A Liturgia deve expressar a novidade de Vida em Cristo, pois ele veio para nos dar vida em abundância, e por isso estamos alegres.

Por Josué Soares Flores

Postulante da Diocese Meridional

Residente da Paróquia da Virgem Maria – Caxias do Sul/RS

Graduado em Teologia pelo Seminário Rev. Antônio de Godoy Sobrinho

Graduado em Teologia pela Faculdade Teológica Sul Americana

Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Londrina